

# CURITIBA CIDADE-JARDIM

## A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇOS PÚBLICOS E NATUREZA NO ÂMBITO DAS EXPERIÊNCIAS DO LAZER E DO ESPORTE

Dr<sup>a</sup>. SIMONE RECHIA

Professora do Departamento de Educação Física  
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (Cepels)  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
E-mail: simone.rec@mps.com.br

### RESUMO

*O artigo aponta que os parques públicos constituem uma das faces visíveis da questão urbana de Curitiba, que tem sua gênese em modelos diferenciados de planejamento urbano voltados à preservação ambiental. Insere-se no macrocampo das ciências sociais e busca investigar, desenvolver e demonstrar as vivências no âmbito do lazer e do esporte como fenômeno experienciado cotidianamente. Sua ótica é interdisciplinar, tentando perceber aspectos peculiares do planejamento urbano que tem como âncora o modelo de "cidade-jardim" ao conceber determinados ambientes. Estrutura-se valendo-se de pressupostos históricos, bases conceituais e formas de apropriação e re(a)propriação de tais ambientes públicos numa conexão sujeito-cidade-natureza.*

*PALAVRAS-CHAVE:* Cidade; natureza; espaço; lazer; esporte.

## A GÊNESE DA PROBLEMATIZAÇÃO

Há mais de 20 anos, vem-se desenvolvendo o planejamento urbano de Curitiba. Com base nas chamadas “vias estruturais”<sup>1</sup>, foi dado início, na década de 1970, à grande transformação da cidade. Nessa época, o ambiente onde o cidadão curitibano estava acostumado a vivenciar práticas lúdicas – ou seja, um conjunto de chácaras de imigrantes italianos com grandes áreas verdes, que possibilitavam subir em árvores, soltar pipa, jogar bola, andar de bicicleta, tomar banho de rio – transformou-se em espaços diferenciados que receberam o nome de “parques públicos”<sup>2</sup>.

Embora esses parques viabilizassem o lazer comunitário – com churrasqueiras, quadras de esporte, pistas para caminhadas, lagos, lanchonetes –, lamentou-se tal transformação porque certos espaços se artificializaram, o que, de certa maneira, gerou um sentimento de perda e exigiu uma (re)adaptação nas formas de uso. Dessa forma, passou-se a praticar esportes em quadras de cimento, correr em pista de *cooper*, andar de bicicleta nas ciclovias, passear nas trilhas determinadas, passando a haver normas de acesso a alguns espaços.

Dessa maneira, aos poucos fomos assistindo a uma metamorfose da cidade. A princípio, não compreendíamos muito bem o processo dessas mudanças, pois vivíamos em uma época de repressão política, e todas as iniciativas eram simplesmente comunicadas aos moradores. Entretanto, com o passar dos anos, o cidadão foi-se adaptando à proposta e (re)apropriando-se dos espaços destinados a experiências no âmbito do esporte e do lazer.

Nessa direção, ao entrevistar mulheres curitubanas na faixa etária de 30 a 50 anos<sup>3</sup>, detectou-se o fato de que quase todas realizavam práticas corporais cotidia-

---

<sup>1</sup> A implantação do sistema integrado de transporte teve início na década de 1970. A opção pelo modelo linear de expansão urbana, ao longo de eixos estruturais viários, prevista pelo Plano Diretor de 1966, baseou-se na integração de uma política de uso do solo, circulação e transporte (dados contidos em Curitiba, 2002).

<sup>2</sup> Saldanha (1993, p. 13-14) aponta as diferenças entre jardim, praça pública e parques públicos. Para ele, jardim é uma parte do espaço que circunda a casa ou outro tipo de edificação, ou seja, uma parte particular e específica pela posição que ocupa e por suas características. A praça é pensada como um espaço amplo, como uma confluência das ruas, muitas vezes, uma interrupção nos blocos edificadas. Um espaço onde em geral se encontram árvores, bancos, eventualmente, monumentos e, em alguns casos, pequenos lagos artificiais. Já parques públicos são espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, e que são destinados à recreação.

<sup>3</sup> Dissertação de mestrado intitulada “Concepções de corpo entre mulheres de 30 a 50 anos”, defendida em março de 1998, no Setor de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR).

nas nos parques da cidade com a justificativa de que tais espaços faziam parte de suas vidas, possibilitando liberdade e contato com a natureza.

Portanto, passei a acompanhar atentamente as transformações que ocorriam, observando aspectos interessantes nos espaços constituídos, o que me levou a buscar informações mais precisas a respeito desse processo<sup>4</sup>.

Na esteira dessas investigações, percebi que a cidade adquiriu identidade cultural a partir da conexão do planejamento urbano, centrado em parques, com a acentuada preocupação quanto à preservação ambiental, passando a gerar um perfil peculiar da cultura local por meio dos usos cotidianos desses espaços.

Assim, o ambiente urbano de Curitiba e de outras cidades do Paraná<sup>5</sup> está marcado por um intenso planejamento que associa, entre outras dimensões, cultura, lazer, esporte e preservação da natureza, razão pela qual se torna imprescindível, para a área de educação física, investigar tal temática.

Dessa forma, objetiva-se situar, nesse contexto, a cidade de Curitiba, analisando o planejamento local, na tentativa de focalizar o sistema de parques públicos valendo-se do modelo de "cidade-jardim"<sup>6</sup>, relatando algumas de suas peculiaridades e verificando quais os paradigmas que sustentaram as intervenções urbanísticas.

Por meio de uma análise mais densa, busco estabelecer um diálogo que contextualize o modelo adotado, suas ramificações na identidade da cidade, e a área de educação física, detalhando algumas formas de apropriação e (re)apropriação desses ambientes.

Levanto a hipótese de que o modelo de espaços públicos adotado por Curitiba e centrado em parques urbanos pode ter sido, em princípio, desenvolvido pelo ponto de vista da preservação ambiental, mantendo as características próprias do lugar com aproveitamento da paisagem natural conectando-as a espaços de lazer.

Busco demonstrar como essas dimensões estão sendo tratadas pelas estratégias políticas e como estão sendo vivenciadas pela população local, que se auxilia

---

<sup>4</sup> Refiro-me à pesquisa que realizei, em nível de doutorado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação da professora doutora Heloisa Bruhns, cujo resultado está sistematizado na tese "Parques públicos da cidade de Curitiba: a relação cidade-natureza e as experiências no âmbito do lazer", defendida em 3 de dezembro de 2003.

<sup>5</sup> Dados obtidos no projeto de pesquisa por mim coordenado intitulado "O Estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de lazer e esporte", financiado pelo Ministério do Esporte/Rede Cedes/PR/UFPR/Cepels/DEF.

<sup>6</sup> O modelo "cidade-jardim" foi idealizado por Ebenezer Howard (1898).

e se potencializa mutuamente, num efeito de sinergia cujo resultado pode ser uma relação diferenciada entre o ambiente construído, a natureza e a cultura.

O artigo busca, portanto, realizar metodologicamente um mapeamento e uma análise. Um mapeamento sobre os estudos referentes aos modelos de planejamento urbano, onde estão inseridos os espaços públicos e suas múltiplas interseções com a natureza, e uma análise do caso curitibano de parques urbanos com base nas teorias e nos modelos estudados.

Meu trajeto inicia-se ao listar os parques da cidade<sup>7</sup> e perceber que, a partir da década de 1970, houve a implantação de um número significativo de espaços dessa natureza e que esse fato imprimiu novas marcas à materialidade urbana curitibana, fortemente ancorada na questão ambiental.

Nessa direção, Garcia (1997) ressalta que, independentemente do tipo ou modelo de espaço público adotado pelas cidades, o projeto de modernização do espaço urbano quase sempre incorpora como valor, a ética e a estética do lazer. Curitiba não está isenta desse processo e vem acompanhando a maioria das cidades modernas onde os principais espaços públicos constituem lugares de sociabilidade, apresentados como espaços-síntese da vida coletiva, os quais são apropriados sob a égide do lazer, do usufruto circunstancial e do consumo.

Entretanto, o que chama atenção nessa cidade é a estreita vinculação entre os espaços naturais e a cultura local, em que o lazer vivenciado diferencia-se, de certa forma, da perspectiva consumista e funcional, em que o mero entretenimento satisfaz, temporariamente, as necessidades humanas, gerando muitas outras, por meio do consumo de mercadorias. Em Curitiba, percebe-se que o uso dos parques se tornou uma prática cotidiana vivenciada em vários pontos da cidade e por diferentes grupos de pessoas. Essas experiências podem estar sustentadas em valores que contemplam de maneira especial a relação sujeito-natureza, gerando um estilo de vida singular no meio ambiente urbano<sup>8</sup>.

Nessa perspectiva, considero interessante pensar que essas práticas sociais realizadas, nos interstícios da vida cotidiana, em parques públicos podem significar certa "linha de fuga" ao tumultuado meio urbano. Essas práticas envolvem, pelo menos aparentemente, a relação ética com a natureza, o convívio um pouco mais harmonioso com a diferença, a autonomia e a vivência com a cultura local.

---

<sup>7</sup> Dados discutidos com maior profundidade na tese de doutoramento (Rechia, 2003).

<sup>8</sup> Partirei do conceito de "meio ambiente urbano" definido como "conjunto das edificações, com suas características construtivas, sua história e memória, seus espaços segregados, a infra-estrutura e os equipamentos de consumo coletivo" (Rodrigues, 1998, p. 104).

Outro fato observado nessa investigação foi que o projeto de modernização de Curitiba não só potencializou a criação de parques como implementou programas culturais adicionais<sup>9</sup>, com o fim de conferir vitalidade a esses lugares enquanto pontos de encontro dos curitibanos. Alguns fatores indicam que a comunidade incorporou tal processo e, hoje, os parques públicos compõem a vida cotidiana da cidade.

## CURITIBA: QUE CENÁRIO É ESTE?

O início do desenvolvimento urbano de Curitiba ocorreu na segunda metade do século XIX com a inauguração da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá. Trevisan (1985, p. 14) relata que, com esse evento, fatores econômicos e políticos levaram a cidade a receber um grande contingente de imigrantes de origem européia, os quais transformaram o panorama de vários aspectos da construção da província, ao introduzirem seus costumes e valores culturais, determinando um modo típico e singular de vida entre a população curitibana. Trindade (1997) destaca a importância da cultura desses imigrantes no sentido de difusão de jardins e preservação de bosques.

Entre todos os técnicos que trabalharam na ferrovia destacou-se o engenheiro Antonio Ferucci, formado pela Universidade de Pisa. Sua formação e prática profissional coincidiram com a expansão do modelo francês. Dudeque (1995, p. 111) destaca que Paris, reformada, transformou-se na grande capital do século XX. O desenho urbano de Paris, a partir de 1860, foi copiado por outras cidades do mundo.

Assim, em algumas localidades brasileiras, foi possível copiar o modelo francês e desenhá-lo em terrenos ainda desocupados. Foi o que aconteceu em Curitiba, com o modelo francês sendo adotado na íntegra, dando início ao planejamento urbano da cidade.

O rápido crescimento da população naquele período fez surgir também um novo instrumento para a manutenção da ordem da cidade: O Código de Posturas de Curitiba. Esse código previa padrões de higiene<sup>10</sup>, aperfeiçoava a estrutura da

---

<sup>9</sup> Esses programas culturais adicionais elaborados pelo IPPUC datam de 1968, complementados por outros dois, de 1973 e de 1974, que derivavam do Plano Preliminar de Urbanismo, constituindo-se em uma plataforma teórica para a política de implantação e apropriação de áreas verdes para o lazer em Curitiba (Matiello, 2001).

<sup>10</sup> De acordo com Franco (1997), o movimento higienista desde as suas origens (fins do século XVIII) valeu-se da "teoria dos meios". Esta insistia que os males eram advindos da estagnação de todo tipo – água, lixo e homens. Dessa forma, planejar a circulação transformou-se em palavra de ordem da engenharia sanitária.

cidade, estimulando o plantio de árvores nos passeios e estabelecia regras para coleta de lixo. Nessa direção, formalizava aspectos legais que envolviam o desejo de criação de cenários para auto-afirmação da cidade. Na complementação da legislação constava uma praça, integrada e próxima ao conjunto de ruas, destinada ao lazer.

Dudeque (1995) destaca que com base nesse código a concepção urbana sofreu uma transformação total. Se na fundação da cidade as árvores haviam sido afastadas, agora, com o advento das praças e do Passeio Público, elas passam a ser preservadas na cidade. As teorias médicas<sup>11</sup> sobre o bom ar e os gostos paisagísticos ingleses, que Napoleão III havia levado para Paris meio século antes, chegavam a Curitiba. As mudanças sugeriam, segundo Dudeque (1995, p. 133), que as pessoas fossem à praça onde estava a igreja, à fonte e ao mercado. Com o novo modelo, as pessoas passavam e passeavam pelas praças, assim como pelo Passeio Público de Curitiba<sup>12</sup>.

A decadência da atividade ervateira e a falta de recursos para grandes obras fizeram com que a administração pública se voltasse para um planejamento urbano diferenciado, buscando racionalizar necessidades e custos. Assim, a história formal da continuidade do planejamento urbano na cidade começa efetivamente em 1943, com o Plano Urbanístico Agache, realizado pelo engenheiro francês Alfred Agache. Esse plano estabeleceu diretrizes e normas técnicas para ordenar o crescimento físico, urbano e espacial da cidade, disciplinando o tráfego, organizando as funções urbanas, estabelecendo zoneamento específico para as diversas atividades, codificando as edificações a fim de estimular e orientar o desenvolvimento da cidade. Para Trindade (1997, p. 44):

O urbanismo de Agache tinha bases no organicismo do séc. XIX. Entendia a cidade como um sistema complexo, dependente do perfeito funcionamento e inter-relação de "órgãos" e funções, requerendo, quando necessário, o estabelecimento de diagnósticos e de terapêuticas às suas disfunções. O desenho deveria atender a determinadas atividades essenciais, ao mesmo tempo em que era identificada a principal função da cidade.

No plano Agache, havia grande destaque para a arborização urbana na área central e preservação das áreas já existentes, bem como projetos de futuros parques,

---

<sup>11</sup> Visão sanitária que influenciará o urbanismo do século XX, marcada com a idéia de cidades amplas, verdes e de grandes avenidas.

<sup>12</sup> O Passeio Público de Curitiba foi o primeiro parque da cidade e o primeiro espaço imaginado para o lazer do curitibano, inaugurado em 1889. Dados extraídos da edição especial "Curitiba, 310 anos", do jornal Gazeta do Povo, de 20 de abril de 2003.

fosse para preservação, contemplação ou recreação. Criam-se os parques e bosques da cidade com um número bastante representativo. Também o desdobramento do plano previu pavimentação e saneamento da cidade. Curitiba viveu nessa época uma fase de “embelezamento” de suas praças e jardins (TRINDADE, 1997).

Mesmo inovador para a época, o Plano Agache não conseguiu prever e contornar todos os problemas urbanos surgidos a seguir. Em 1966, o IPPUC é criado, responsabilizando-se pelo desenvolvimento de projetos, implantação e gerenciamento do plano. Seria dele a tarefa de delinear o mais amplo conjunto de mecanismos que possibilitasse ordenar o processo de desenvolvimento da cidade. Ao órgão fora entregue, assim, a responsabilidade de conciliar tempo e espaços urbanos.

Talvez essa tenha sido uma das iniciativas mais marcantes de Curitiba, porque, a partir do momento em que se instituiu um órgão dessa natureza, o qual contava com uma diversidade de profissionais em seu corpo técnico – arquitetos, economistas, engenheiros, pedagogos, sociólogos –, privilegiava uma concepção integrada de pesquisa e planejamento. Tal concepção considerava globalmente, segundo relatos<sup>13</sup>, aspectos físicos, econômicos, sociais e culturais. Portanto, a idéia de criar um grupo de acompanhamento foi ponto determinante para a transformação das idéias em ações concretas e permanentes.

Sem desconsiderar o cenário que caracteriza a Curitiba de hoje<sup>14</sup>, com novas contradições e conflitos entre poder público e comunidade, gostaria de salientar que alguns limites foram sendo reduzidos, certas fronteiras aproximaram-se, dando espaço à criação de uma cidade com práticas urbanas simbólicas, as quais se diferenciam, em algumas dimensões, de outras capitais do país. De acordo com o depoimento de Fernando Canalli<sup>15</sup>,

Curitiba conseguiu não fazer! O segredo do sucesso do planejamento de Curitiba está no fato de ter preservado uma forma de cidade que transforma e (re)cria, resgatando a cultura local e criando espaços alternativos com muita criatividade e sensibilidade [...], resultando em uma cidade diferente em meio ao processo devastador de urbanização que pre-

---

<sup>13</sup> Ver tese de doutoramento (Rechia, 2003) na qual constam análises de vários depoimentos de pessoas que constituíram o IPPUC no livro *Memória da Curitiba Urbana* (Curitiba, 1990, p. 118).

<sup>14</sup> Nesse sentido, observamos que no espaço metropolitano de Curitiba existem muitas contradições, as quais demonstram que o modelo de planejamento e os equipamentos urbanos ainda não estão disponíveis para todos. Para uma análise mais crítica referente a esse tópico, ver a referida tese de doutorado.

<sup>15</sup> Fernando Canalli é arquiteto do IPPUC. A entrevista foi realizada em abril de 2003.

scenciamos em diversas capitais do país, onde derruba-se tudo e no lugar constroem-se espaços modernos, mas sem densidade, isto é, sem nenhum significado para os seus moradores.

Assim, a partir da implementação de alguns desses projetos institucionalizou-se a tradição curitibana de preservar grandes áreas verdes, transformando-as em espaços para a potencialização da cultura local e para o lazer comunitário, além de servir ao desenvolvimento de centros de pesquisa os quais incluem atividades de educação ambiental<sup>16</sup>.

Segundo documentos da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMA)<sup>17</sup>, no que diz respeito aos marcos vegetais, a cidade conta com um total de áreas verdes (públicas e privadas) igual a 77.786.020m<sup>2</sup>, e de arborização em vias públicas tem mais 3.939.600m<sup>2</sup>. De um índice inferior a 1m<sup>2</sup> de área verde por habitante no final dos anos de 1960, atingiu-se 16m<sup>2</sup> por habitante no final de 1974 – índice estipulado como mínimo pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Atualmente, Curitiba apresenta uma área de 49,02m<sup>2</sup> de área verde por habitante<sup>18</sup>.

O modelo “cidade-jardim” x “cidade-máquina”:

como planejar uma cidade com equilíbrio entre espaços de lazer e de trabalho?

A idéia de natureza tem permeado as formulações teóricas urbanas com diferentes significados em diferentes tempos históricos.

A partir do Renascimento, determinadas cidades vincularam suas imagens às preocupações sociais, nos modelos de cidades ideais, com a incorporação preconizada de elementos naturais. No alto do Renascimento, Thomas More concebeu modelos utópicos de cidade publicados em sua obra *A utopia*, de 1516. Para Marcondes (1999, p. 20-21), nessa obra “é possível ler tanto a nostalgia de uma ordem passada como a intuição futurista [...]”, na medida em que propõe um modelo de organização do espaço suscetível de ser realizado e com capacidade de trans-

---

<sup>16</sup> Educação ambiental refere-se aqui à área pedagógica de estudos e reflexões sobre a relação educação-ambiente, que fomenta e orienta as práticas educativas voltadas ao ambiente.

<sup>17</sup> Dados retirados de PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Secretaria Municipal de Meio Ambiente. *Plano de ações de estratégias*. Curitiba, 2002.

<sup>18</sup> Embora essa perspectiva, do ponto de vista crítico, possa criar expectativas uniformizadoras, pode-se salientar que, mesmo diante desses problemas, existem muitas iniciativas promissoras no processo de modernização da cidade. Destaco, aqui, as políticas de preservação de áreas verdes, as quais incluem a intensa criação de parques e praças em Curitiba utilizando-se dos anos de 1970, resultado de um planejamento urbano implementado pelo IPPUC a partir do Plano Diretor da cidade.



formar o mundo natural [...] e adota o conceito espaço-modelo solitário de uma concepção da história e do trabalho apoiada por um sistema de valores”.

Vislumbra-se, pois, nessa leitura de *A utopia*, a superação da idéia, presente no Renascimento, de uma natureza intocada associada ao mito sagrado. Para Marcondes (1999), esse texto pôde e pode ser abordado por meio das dimensões moral, religiosa, econômica e poética; porém, o que a autora destaca é “a vitalidade desse texto, ajustado às problemáticas das sociedades e da cultura ocidental. Trata-se de uma obra que anuncia proposições que ecoaram nos autores utópicos posteriores: a limitação do tamanho das cidades, o cultivo de jardins em seu interior e a integração cidade-campo”.

Já durante o Iluminismo, a evocação da idéia de natureza, na construção dos modelos ideais de cidade, foi amplamente enfatizada. A partir dessa época, predominou a noção, presente até os dias atuais, do naturalismo urbano associado à restauração de uma “natureza perdida”. Tufuri (1985, p. 14), ao analisar essa questão, argumenta que o apelo ao naturalismo significa, simultaneamente, “o apelo à pureza original no ato de configuração do ambiente”, presente em vários projetos urbanos.

Para Tufuri (1985), porém, esse naturalismo urbano, presente nas propostas européias com a inserção do pitoresco na arquitetura e a valorização da cidade, tende a negar a dicotomia entre cidade e campo. Tais propostas procuram adequar a cidade às novas condições históricas e sociais e “naturalizar” o novo espaço construído pela emergente classe social dominante.

O tema da natureza também esteve presente nas utopias urbanísticas igualitárias do século XIX, momento em que o conceito clássico de cidade se desagregou, sendo estimulado o conceito de cidade-campo nos modelos comunais utópicos de que nos fala Françoise Choay (1979). A esse respeito, menciona várias propostas, em que os espaços verdes são concebidos, a partir do isolamento das indústrias, em cidades voltadas às questões sanitárias.

No “utopismo” político da cidade oitocentista, a proposta mais contundente de integração entre cidade e natureza foi o modelo de “cidade-jardim” idealizado por Ebenezer Howard (1898), que retomou alguns dos aspectos das cidades utópicas renascentistas de Thomas More e de Leonardo da Vinci.

A formulação de Howard (1898) constitui uma reação à aglomeração urbana do período vitoriano, caracterizado por exacerbada admiração pelo campo e pela natureza ante as condições da vida nas cidades. Em sua proposta, cada cidade-jardim – limitada a 30 mil habitantes e rodeada por um cinturão verde – deveria fazer parte de uma constelação de cidades-jardins circundadas pelo campo.

A apropriação desses conceitos serviu, posteriormente, de base para várias propostas urbanas em todo mundo, inclusive no Brasil. Contudo, como vários au-

tores apontam, a integração da cidade com a natureza viu-se reduzida à incorporação de alguns elementos naturais ao espaço urbano.

Ao lado do ideário das cidades-jardins e das utopias antiurbanas, o pensamento urbanístico, no século XX, retoma e potencializa o projeto racionalista da cidade industrial, traduzido nos trabalhos de Le Corbusier (1979), entre outros, cuja melhor definição é encontrada no termo “cidade-máquina”, de Hilberseimer (1920) (apud BENÉVOLO, 1984). Essa concepção contrapunha-se às visões do urbanismo moderno, da cidade concebida como um grande parque e da aglomeração urbana tratada como uma cidade verde. Tufuri (1985) destaca que, no projeto de cidade-máquina, fazia-se ausente o conceito de espaço e de lugar<sup>19</sup>.

Em outros termos, no projeto de cidade-máquina, a idéia de natureza presente é a natureza racionalizada e artificializada<sup>20</sup>. Esse ideário da “natureza artificializada” é reiterado no zoneamento funcionalista proposto pela Carta de Atenas<sup>21</sup> que domina o pensamento urbanístico até os anos de 1960, com vários desdobramentos.

Os documentos oficiais<sup>22</sup> da prefeitura de Curitiba indicam que o projeto urbano curitibano conservou a natureza e a integrou aos planos diretores, amenizando os efeitos da cidade entendida como máquina. A partir daí, potencializou a criação de parques públicos urbanos nos espaços naturais preservados, agregando a esses ambientes projetos culturais que têm como principais funções a apropriação desses espaços pela população.

É na esteira desse panorama e dessas questões que a preservação e a recuperação da natureza passaram a ser um elemento estético priorizado. Nesse sentido, parece pertinente retomar a discussão das “cidades-jardins”, para aproximá-las do modelo de urbanização da cidade de Curitiba, integrando ao planejamento e, de certa forma, amenizando a questão da “artificialização”.

Ao analisar o movimento de cidades-jardins, Tuan (1980, p. 279) aponta que essa tendência começou em fins do século XIX, na Inglaterra, e foi conceituada como uma cidade planejada para uma vida saudável e para a indústria; de tamanho suficiente para permitir uma plena vida social, mas não grande demais, rodeada por um cinturão verde, que não somente se preocupa com as residências, mas com o

<sup>19</sup> Conceitos já discutidos em artigo publicado na RBCE, Campinas, v.27, n. 2, p.104, jan. 2006.

<sup>20</sup> Utilizamos aqui o conceito de natureza artificializada com base no texto de Santos (1992).

<sup>21</sup> Carta de Atenas (1933), documento que expressa a formulação doutrinária do grupo em torno dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (Ciam).

<sup>22</sup> Documentos da Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba (2002).

meio ambiente total, integrado, no qual as pessoas possam viver, trabalhar e se divertir.

Szmrecsanyi (2001, p. 8) relata que, após a Segunda Guerra, essa proposta foi “adaptada pelo Estado Britânico à reconstrução de áreas bombardeadas e ao planejamento restritivo do crescimento de Londres, assim como empregado por outros Estados europeus”. Nesse modelo, segundo a autora,

A preocupação com o lazer insere-se não só pela própria maneira de conceber todos os espaços, especificamente promoção do contato com a vegetação em parques públicos e jardins privados, em alamedas e amplos bulevares e na constante proximidade do campo circundante, mas também pelo sentido comunitário de vida e pela auto-gestão, supostamente gratificantes e propiciadores de identificação da população com o local.

É interessante perceber que o modelo de cidades-jardins incorpora espaços de lazer na sua proposta. No esquema original da cidade, desenhado no final do século XIX por Ebenezer Howard, seu criador, o parque central do núcleo deveria ser circundado por uma galeria envidraçada, funcionando como uma espécie de passeio abrigado das intempéries, onde, segundo Szmrecsanyi (2001, p. 9), além de espaços de lazer estariam expostas

Mercadorias diversas, reconhecendo que estas, além de úteis, constituem um mediador de prazer, o que as torna atraentes em si. O espaço da galeria seria público, como uma rua, mas a mercadoria, privada por definição, poderia ser consumida de duas formas; mediante a compra pelo dinheiro ou apenas com os olhos, num espetáculo de desejo e deslumbramento.

Portanto, a concepção de espaços de lazer conectada à atração de mercadorias e à natureza começava a surgir. Szmrecsanyi (2001) relata que quando foi inaugurado, em um grande parque londrino, um edifício chamado Palácio de Cristal, projetado por Paxton<sup>23</sup> e constituído por uma enorme estufa de ferro, este foi revolucionário porque, graças à sua estrutura modular pré-fabricada, conseguiu ser consi-

---

<sup>23</sup> Joseph Paxton, arquiteto e paisagista, projetou o Plano de Birkenhead Park, na Inglaterra, cujo desenho acabou sendo fonte de inspiração para muitos arquitetos. Segundo Franco (2000, p. 94), “Paxton aí trabalhou um conceito inovador distribuindo vários conjuntos habitacionais ao longo das bordas de um parque, onde o sistema viário apresentava uma hierarquia de vias que favorecia visivelmente aspectos ambientais setoriais e de vizinhança, constituindo-se num projeto de vanguarda para a época. Ele viu no desenho dos parques urbanos uma solução para a desintegração do tecido físico e social das grandes cidades informes. Para ele, o parque urbano poderia ajudar na reforma social pelo simples fato de proporcionar à população urbana oprimida, em espaços insalubres, um mínimo de contato com a natureza”.

truído em poucos meses, em harmonia com as árvores do jardim público, reunindo tecnologia de ponta à natureza, em meio à maior metrópole da época, passando a representar um espetáculo em si, como um *corpus* da modernidade.

Em Curitiba, o modelo de projeto urbano adotado para ambientes públicos une espaço construído à natureza, o qual pode ser identificado em diferentes pontos da cidade como praças, parques e bosques. Outro aspecto observado é a preocupação em manter certa harmonia entre espaços de lazer e de trabalho, embora esse equilíbrio ainda esteja longe de ser conquistado na íntegra.

## ASPECTOS PECULIARES ENTRE A ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, A GESTÃO AMBIENTAL E O LAZER EM CURITIBA

Ao tentar precisar que bases teóricas sustentam os projetos de intervenção dos parques de Curitiba, localizei os Planos de Recreação do IPPUC, datados de 1968, revistos em 1973 e 1974, e o atual projeto de lei que dispõe sobre a política municipal de esporte e lazer de Curitiba<sup>24</sup>.

Os Planos de Recreação apresentavam propostas que, para a época, se mostravam relativamente avançadas ao refletirem sobre os problemas contemporâneos causados pelo avanço da urbanização, o equilíbrio ambiental, a gestão do tempo livre, a oferta de espaços ao ar livre para o lazer, entre outras questões. Embora com alguns equívocos teóricos, o que surpreende nesses planos é a conexão dessas idéias com outros planos referentes à problemática mais ampla da cidade, no que tange à questão ambiental e cultural, e a uma política de apropriação pela efetivação de uma “comissão de animação<sup>25</sup>”, responsável por dar vida aos espaços constituídos.

O que chama atenção nos planos de 1974 é o estabelecimento e a potencialização de espaços públicos voltados ao lazer. Constituindo-se:

- *Largos, jardinetes e praças*: com arborização, cujo objetivo é atender à vizinhança, sendo dotados de algum equipamento.
- *Ruas de recreio*: em vias de circulação restrita e de uso residencial, haveria alargamento das calçadas e estreitamento das pistas para veículos, favorecendo a lentidão do tráfego para utilização do lazer.

<sup>24</sup> Dados discutidos na tese de doutorado (Rechia, 2003).

<sup>25</sup> Responsabilidade dos professores de educação física lotados no Departamento de Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Curitiba nessa época.

- *Núcleos ambientais*: na interseção de duas ruas residenciais, para utilização por crianças na idade escolar.
- *Pontos de encontro*: espaços referenciais do bairro (igrejas, clubes, zonas de concentração de comércio).
- *Centros recreativos educacionais integrados*: utilização da capacidade ociosa da estrutura recreativa das escolas.
- *Centros esportivos*: proporcionam educação física sistemática a todas as faixas etárias, contando com equipamentos infantis e adultos, aquáticos e terrestres, pavilhão de esportes e ginásios.
- *Convênio com clubes*: por meio da contrapartida da prefeitura em obras de melhoria, os clubes cederiam sua estrutura para a comunidade.
- *Áreas verdes*: amparadas pela lei n. 4.857/74, que dispunha sobre a proteção às áreas verdes, 93 áreas foram selecionadas, para que tivessem seus bosques e suas águas protegidos. Essa lei traz benefícios fiscais e tributários aos proprietários de imóveis dentro dessas áreas de interesse. Entre elas estavam as que serviriam ao uso dos parques, que além de cumprirem a função de recreação viabilizariam também o controle das enchentes.

Diante desse contexto, percebemos que, mesmo não implantados em sua íntegra, os Planos de Recreação de 1974 foram fundamentais para a implantação dos espaços públicos de lazer na cidade, principalmente os parques. Sua elaboração, somada a outros fatores, influenciou a política de criação, planejamento, gestão e apropriação de áreas verdes, inaugurando uma nova dinâmica do lazer em Curitiba.

São mais de 300 praças, 30 parques e diversos bosques. Neles, circulam, em média, 150 mil pessoas por semana. Segundo observação de campo<sup>26</sup>, desde pessoas que aliam caminhadas, corridas e exercícios com pontos de encontros, principalmente nos fins de semana, até famílias de diferentes camadas sociais<sup>27</sup> que buscam nos parques espaços para as mais diversas vivências no âmbito do lazer.

No entanto, vale destacar que a área de educação física, grande responsável

<sup>26</sup> Dados discutidos com maior densidade na tese de doutoramento (Rechia, 2003).

<sup>27</sup> Em pesquisa realizada pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC), no primeiro semestre de 2003, em que foram colocados computadores disponíveis à população em todos os terminais de transporte coletivo, para que pudessem opinar sobre a qualidade dos serviços públicos, foi detectado que o serviço mais eficiente para o cidadão curitibano é a oferta dos espaços públicos de lazer e o mais deficiente é a segurança pública.

pela efetivação e dinamização dos planos e espaços, ou seja, a então chamada “comissão de animação” manteve certa lógica de intervenção centrada no esporte de rendimento ou grandes eventos em datas comemorativas. Gostaria de deixar claro que não estou desconsiderando aqui o valor cultural do esporte ou dos eventos, mas apenas salientando as dificuldades dos profissionais da área em materializar a proposta inicial dos planos, a qual previa a potencialização dos aspectos socioculturais da cidade por meio de vivências diversificadas no âmbito do lazer, em diferentes espaços públicos da cidade, os quais contemplassem a cultura corporal de forma mais abrangente e relacional<sup>28</sup>.

Esse olhar mais ampliado pode contribuir para um sentimento de pertença, promovendo o usufruto contínuo desses espaços pelos moradores da cidade em busca de uma melhor qualidade de vida urbana. Isso parece estar em sintonia com o esforço do poder público, que há várias décadas vem buscando imprimir uma marca identitária à cidade por meio de referenciais urbanos que envolvam a questão ambiental.

É nesse sentido que Santos (2002, p. 116) ressalta a importância dessa relação afetiva, pois sua ausência pode tornar os cidadãos descomprometidos com o espaço físico em que vivem, o que, de certa forma, elimina a vitalidade da cidade. Tal relação de afeto do curitibano pela cidade onde mora se apresenta como uma singularidade bastante peculiar, o que permite entender a cidade não como uma “cidade-máquina”, subordinada somente aos interesses da produção, mas como um “espaço de direito”, como uma “obra coletiva”, como uma “cidade-jardim”, na qual os sujeitos compartilham com o poder público a responsabilidade por sua manutenção e seu cuidado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao focalizarmos as relações existentes entre a população que cuida, aprecia e vive cotidianamente os parques urbanos da cidade, além das diferenças culturais e os sentidos – materiais e simbólicos – que imprimem a paisagem curitibana, observa-se que o modelo adotado, de espaços públicos destinados a vivências no âmbito do lazer, pode favorecer uma identidade com o lugar e, conseqüentemente, uma consciência ecológica um pouco mais apurada.

---

<sup>28</sup> Segundo Paulo Freire, o conceito de meio ambiente é relacional e o desafio teórico de sua apreensão consiste “fundamentalmente no esforço da explicitação de redes de interdependências dinâmicas envolvendo sociedades e seu substrato biofísico e construído”.

Um aspecto bastante peculiar entre os habitantes da cidade de Curitiba, evidenciado fortemente nas entrevistas com usuários dos parques, é a relação afetiva com a cidade, sinalizando a existência de um típico modo de vida coletivo no qual está presente certa admiração pelos espaços públicos, especialmente pelos parques. Essa interação entre espaço e cidadão facilitou a adesão da população a essa composição de espaço e a alguns programas de educação ambiental implantados pelo município a partir da década de 1970. Portanto, hoje os parques públicos marcam a identidade da cidade e a política de preservação ambiental proposta a partir dessa década.

Entretanto, vale ressaltar que as discussões teóricas levantadas entre diversos autores abordados<sup>29</sup> apontaram a busca por marcas identitárias<sup>30</sup> como um dos paradigmas que sustentam as intervenções urbanísticas contemporâneas. Nesse contexto, acentuam que, do ponto de vista urbano, essa questão está associada às diversas formas de disputa entre as cidades, as quais buscam singularidades na tentativa de atrair público e investimentos.

Mesmo considerando os conflitos e as contradições desse modelo de planejamento urbano, torna-se indispensável reconhecer que a criação desses ambientes, além de ter preservado grandes áreas verdes no interior da cidade, evitou a habitação nos fundos de vale, preservou as matas ciliares e, por meio de seus lagos artificiais, regulou a vazão dos rios que cortam a cidade em períodos de enchentes. Tais espaços oportunizaram, ainda, uma aproximação cotidiana entre sujeito e natureza, por meio de experiências no âmbito do lazer e de esporte, passando a constituir territórios privilegiados da cidade, o que, em certa medida, confere-lhes um aspecto peculiar. Dessa forma, é possível concluir que essa transformação apresenta aspectos positivos para a comunidade local e um avanço no planejamento urbanístico dessa cidade.

Assim, mesmo consciente dos reflexos de um modelo capitalista, o qual tende a conceber a cidade como mercadoria a ser comprada e vendida, criando instabilidades, rupturas e segregação na vida urbana, ressalto no presente estudo que a cidade pode ser pensada também como um ambiente culturalmente rico, capaz de manter suas tradições e suscitar novos hábitos. Essas questões estão diretamente

---

<sup>29</sup> Entre eles, Harvey (2000), ao salientar que tais disputas põem em evidência a adoção da estética e infra-estrutura dos lugares, recorrendo ao potencial das suas particularidades históricas, culturais e espaciais.

<sup>30</sup> Ver artigo intitulado "Espaço e planejamento urbano na sociedade contemporânea: políticas públicas e a busca por uma marca identitária na cidade de Curitiba" (Rechia, 2005).

ligadas ao significado que a comunidade atribui a alguns lugares da cidade, o qual está relacionado, muitas vezes, às formas de apropriação e usos no plano da vida cotidiana.

Para sustentar tais argumentos, recorro a Certeau (1994), ao salientar que, se quisermos simplesmente olhar as práticas cotidianas do mais alto dos prédios, é pouco provável que encontremos pluralidade e heterogeneidade de movimentos. Para ele, do alto só é possível ver o homogêneo, o uniforme e o poder que, embutido nas estruturas sociais, comanda e controla as ações dos sujeitos. Os sujeitos, nessa visão, são manipulados e disciplinados na ocupação de tais espaços. Nessa perspectiva, dificilmente observamos as “minúcias e as práticas” sendo tecidas e tensionando internamente o sistema.

Entretanto, quando descemos do “alto do prédio” e nos aproximamos da vida cotidiana desses ambientes para observá-los “de baixo”, temos a oportunidade de encontrar a realidade concreta, em que, efetivamente, há o jogo da construção das práticas, os movimentos sutis e as múltiplas formas de apropriação cultural dos espaços.

Assim, acredito que as experiências no âmbito do lazer em parques públicos podem favorecer a aquisição de um novo padrão de vida coletiva, vinculada a valores culturais e ambientais fortemente divulgados pelos movimentos ambientalistas contemporâneos.

Tais experiências podem ainda ser potencializadas por meio de estratégias governamentais intensas, envolvendo, por exemplo, a área de educação física com o incremento de projetos de educação ambiental que contemplem a cultura corporal de forma abrangente.

Nesse sentido, Leff (2001, p. 324) alerta-nos que, além da identidade local, da solidariedade e da participação, para alcançarmos a “verdadeira qualidade de vida” nos centros urbanos, precisamos rever o conceito de ambiente com uma “nova visão do desenvolvimento humano, que relacione valores e potenciais da natureza, externalidades sociais, saberes subjugados e as complexidades do mundo negadas pela racionalidade mecanicista”. Portanto, faz-se necessário articular sobrevivência com necessidade de emancipação e construção de novos sonhos, em que se conectam real e simbólico, objetivo com subjetivo, os quais permeiam as diferentes formas de realização, pelo trabalho, pela criatividade e pelas experiências de lazer. Assim, o conceito de qualidade de vida ampliado inclui tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos das condições gerais da existência.



## Curitiba, the garden-city: the relationship between public spaces and nature in the realm of leisure and sports

**ABSTRACT:** *The present article aims at showing that public parks are a visible part of Curitiba urban issue which is based on different models of urban planning addressed to environmental preservation. This study is inserted into the social science macro-field and aims at investigating, developing and showing leisure time and sport experiences in daily life. Its approach is interdisciplinary and seeks to notice the peculiar aspects of an urban planning based on the "garden-city" model. The study is structured taking into consideration historical presuppositions, conceptual basis and ways of appropriation and re-appropriation of public environments from the viewpoint of the individual-city-nature connection.*

**KEY WORDS:** *City; nature; space; leisure; sport.*

## Curitiba ciudad-jardín: la relación entre espacios públicos y naturaleza en el ámbito de las experiencias del ocio y del deporte

**RESUMEN:** *El artículo apunta que los parques públicos constituyen una de las faces visibles de lo urbano en Curitiba, que tiene su génesis en modelos diferenciados de planificación vueltos a la preservación ambiental. Se ubica en el macrocampo de las ciencias sociales y busca investigar, desarrollar y demostrar las vivencias del ocio y del deporte como fenómenos cotidianos. Tiene una óptica interdisciplinaria, tratando de percibir aspectos de la planificación urbana que tiene como ancla el modelo de "ciudad-jardín" al concibir determinados ambientes. Se estructura a partir de presupuestos históricos, bases conceptuales y formas de apropiación y re(apropiación) de tales ambientes públicos en una conexión sujeto-ciudad-naturaleza.*

**PALABRAS CLAVES:** *Ciudad; naturaleza; espacio; ocio; deporte.*

## REFERÊNCIAS

BENÉVOLO, Leonardo. *A cidade e o arquiteto: método e história na arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Trad. E. F. Alves. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. 2. Morar e cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHOAY, F. *O urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CURITIBA (Prefeitura Municipal). *Curitiba na prática*. Curitiba: IPPUC, 2002.

DUDEQUE, I. *Cidades sem véus: doenças, poder e desenhos urbanos*. Curitiba: Champagnat, 1995.

FRANCO, M. A. R. *Planejamento ambiental para cidade sustentável*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1997.

GARCIA, F. E. S. *Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing*. Curitiba: Palavra, 1997.

GAZETA DO POVO, Edição especial "Curitiba 310 anos: a história que nunca foi contada", ed. 1, 2, 3, 4, 5, mar./abr. 2003.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2000.

LE CORBUSIER. *Os três estabelecimentos humanos*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Documenta, 1969.

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARCONDES, M. J. A. *Cidade e natureza: proteção dos mananciais e exclusão social*. São Paulo: Studio Nobel/Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999. (col. Cidade Aberta.)

MATIELLO, A. M. *A sustentabilidade no planejamento e gestão de parques urbanos em Curitiba-PR: uma questão paradigmática?* Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

\_\_\_\_\_. *Concepções de corpo de mulheres de 30 a 50 anos e a relação com a área de Educação Física*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1998.

RECHIA, S. *Parques Públicos da cidade de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

\_\_\_\_\_. Espaço e planejamento urbano na sociedade contemporânea: políticas públicas e a busca por uma marca identitária na cidade de Curitiba. *Revista Movimento*, Porto Alegre: Escola de Educação Física UFRGS, v. 11, n. 3, p. 49-65, set./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas: CBCE, v. 27, n. 2, p. 91-104, jan. 2006.

RODRIGUES, A. M. *Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SALDANHA, N. *O jardim e a praça*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1993.

SANTOS, M. 1992: a redescoberta da natureza. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 6, n. 14, jan./abr. 1992.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SZMRECSANYI, M. I. Lazer e consumo: espaços públicos e semipúblicos no cotidiano urbano. In: BRUNHS, H. T.; GUTIERREZ, G. (Orgs.). *Representações do lúdico: II ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

TREVISAN, W. *A invenção do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1985.

TRINDADE, E. M. de C. (Coord.). *Cidade, homem e natureza*. Uma história das políticas ambientais de Curitiba. Curitiba: Unilivre, 1997.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TUFURI, M. *Projeto e utopia*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

Recebido: 30 set. 2006

Aprovado: 10 dez. 2006

Endereço para correspondência

Simone Rechia

R. Manoel dos Santos da Silva, 171, Sob. B – São Lourenço

Curitiba-PR

CEP 82130-030